

## **As estratégias do uso do Gênero no ensino de História: narrativa histórica e formação de professoras**

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo versa sobre os usos e as concepções de gênero nas estratégias de ensino de história, em que são analisados as formas e narrativas históricas no trabalho com gênero na aula de história. Escolheu-se analisar as concepções e utilizações pelas professoras, para fundamentar as narrativas históricas pelo prisma das noções de gênero. A análise parte da fundamentação realizada na prática de ensino de História, em que as abordagens acerca da Educação Histórica são inseridas, com a produção e sentido na História. Isso porque, a utilização de diferentes recursos e fontes históricas sobre as questões de gênero e a prática das professoras pode contribuir para a fundamentação do ensino de história crítico, reflexivo em que se vislumbrem as diferenças, alteridade, diversidade de gênero.

**Palavras chaves:** ensino de história; relações de gênero; narrativas históricas.

### **The strategies of the use of Gender in History teaching : historical narrative and training of teachers**

**Abstract:** This paper discusses the uses and conceptions of gender in history teaching strategies , they are examining ways and historical narratives in working with gender in class história . Chose to analyze the concepts and use by teachers , to support historical narratives through the prism of gender notions . The analysis part of the reasoning performed in the practice of history teaching in the approaches to the History Education are inserted , with the production and sense of history. This is because the use of different resources and historical sources on gender issues and the practice of teachers can contribute to the grounds of the critical history teaching , reflective in which envisage the difference , otherness , gender diversity.

**Keywords:** teaching history; gender relations; historical narratives.

Iniciando a reflexão: uma introdução.

*Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto-evidentes, historicizando-os. A*

---

<sup>1</sup> Doutora em História Cultural pela UFSC. Professora de Prática de Ensino da Universidade Federal de Mato do Sul/Campus Três Lagoas. Email: jaqueline.zarbato@gmail.com.

*historia não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (SCOTT, 1994, p. 19).*

A partir da reflexão de Joan Scott, tem-se a inserção das análises sobre as relações de gênero e sua fundamentação nas ações históricas, impulsionando as discussões sobre o aprofundamento das identidades e subjetividades de homens e mulheres num processo múltiplo, complexo, heterogêneo. Mas, em meio as reflexões e inquietações sobre as concepções de gênero, surgem algumas indagações: como ensinar para crianças e jovens a importância do respeito à diversidade de gêneros? De que forma, os instrumentos, recursos didáticos favorecem a desconstrução de estereótipos de gênero? Que fontes históricas podem ser utilizadas no ensino de história para abordar as sobre as mulheres e questões de gênero?

Essas e outras indagações emergem no cotidiano da aula de história, principalmente nas narrativas de professores/as, isso porque muitas vezes não tiveram contato com essas discussões na formação inicial e também pela ausência de materiais didáticos que possam contribuir com suas aulas.

Antes mesmo de discutirmos a questão das fontes, é necessário fundamentar metateoricamente as questões que envolvem as mulheres na História, isso porque, o discurso histórico, por exemplo, quando nega visibilidade às mulheres perpetua também sua subordinação e sua imagem de receptora passiva da ação dos demais sujeitos da História (Scott, 1994: 50). Neste sentido, a fundamentação sobre as diferenças sexuais, a representação de gênero e das explicações sobre a invisibilidade das mulheres se faz necessária não só como tema a ser abordado na aula de história, mas também como parte fundamental da concepção de mundo que os sujeitos apreendem sobre gênero. Como enfatiza Joan Scott( 1994, p 25/26), “historicizar gênero, enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processo políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e os modos pelos quais essas categorias se articulam em termos da outra, embora

de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento, esse seria o encaminhamento das abordagens históricas.

Por isso, neste artigo pretende-se abordar os encaminhamentos na aula de história, com diferentes narrativas, abordagens, fontes históricas, materiais didáticos, livros didáticos ou outra forma de analisar e fundamentar as concepções das relações de gênero na aula de história. Para isso, iniciamos com as análises sobre gênero e ensino de história, em que as concepções e conceitos podem contribuir na execução de aulas e diálogos educativos sobre as relações de gênero. E, na sequência abordaremos mais atentamente as narrativas históricas sobre os usos das relações de gênero no campo de atuação.

Através dessas discussões focalizamos a análise não nos resultados de atuação das professoras, mas na constituição do campo de análise metateórica acerca das relações de gênero, bem como no amadurecimento profissional sobre as diferentes concepções, conceitos e fontes históricas que direcionam as ações educativas históricas.

A intenção desta análise sobre as relações de gênero e ensino de história, pretende ultrapassar a prescrição do Parâmetro Curricular Nacional, com o tema transversal sobre sexualidades e gênero. Pretende-se, neste artigo versar sobre os caminhos a serem trilhados pelas pessoas que perpassam os corredores das escolas, em que a diferença de gênero, a alteridade dos sujeitos envolvidos no processo de formação de cada criança e jovem ofereça diferentes possibilidades de ver o mundo, compreendo o diferente em sua singularidade, sua subjetividades, escolhas e não como exótico e estranho. Por isso, apontar os encaminhamentos no espaço escolar torna a tarefa de problematizar as questões de gênero, algo necessário e com uma forma aprofundada. Já que segundo Bock, Furtado & Teixeira, o papel da escola seria:

transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola,

aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (2001, p. 261).

Problematizar o natural, desconstruir os estereótipos, fundamentar novas relações e pertencimentos faz parte do universo de ações que apresentam-se na escola. E que inserem nas mentes e corpos das pessoas, das sexualidades, significados para suas trajetórias, num processo histórico de reformulação de conceitos e pré-conceitos. Para Louro(1998, p 41):

a sexualidade que é geralmente apresentada na escola está em estreita articulação com a família e a reprodução. O casamento constitui a moldura social adequada para seu 'pleno exercício' e os filhos, a consequência ou a benção desse ato. Dentro desse quadro, as práticas sexuais não reprodutivas ou não são consideradas, deixando de ser observadas, ou são cercadas de receios e medos.

Então, é necessário superar a forma de ensinar sobre sexualidade, é o primeiro passo para desconstruir os estereótipos, ensinar que as escolhas e as subjetividades fazem parte do que ensinar sobre os gêneros na história.

## **1. Relações de Gênero e Ensino de História**

Na atualidade, as questões de gênero se apresentam como um dos desafios no ensino de história, isso porque, as implicações das legislações, bem como das influências sociais e culturais configuram-se como elementos históricos que abarcam as desigualdades sociais, dificuldade de acesso aos direitos, mas ainda temos muito caminho a trilhar na problematização as relações de gênero.

Quando analisamos o conceito de gênero, recorreremos à Scott(1992) que o define como uma categoria de análise histórica, cultural e política, e expressa relações de poder, possibilitando sua utilização para diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia. Ao refletir sobre as relações de gênero no ensino de história,

perpassamos por diferentes composições que envolvem os hábitos, vivências, trajetórias de quem ensina História. Muitas vezes cercadas de concepções que foram sendo apreendidas ao longo da vida, o que pode explicar a ausência ou silenciamento em relação ao gênero nas aulas de História.

O conceito de gênero, para ser alvo de discussões e inserções dos temas curriculares, bem como na formação de professores/as. Esse silenciamento implica em noções que limitam as concepções de gênero nas escolas, pois por mais que as pesquisas na área de história, ainda estamos longe de equacionar as diferenças na escola.

Pode-se dizer que a problematização das questões de gênero, contribui para questionar as naturalizações do que a sociedade impõe para comportamentos “femininos” e “masculinos”. Visando aprofundar as questões das desconstruções culturais sobre a questão de gênero na escola, foram encaminhados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a discussão de que “o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. (PCN/Temas Transversais. 1998).

As implicações das discussões sobre a questão de gênero, a investigação sobre os grupos étnicos, as classes sociais, as representações de gênero propiciam o respeito e a dignidade dos sujeitos, como elementos de pertencimento aos diferentes grupos culturais. E como aponta Louro(2008, p 70) “a ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados”.

Não há mais como negar a importância em problematizar as questões de gênero na aula de História, são muitas experiências, subjetividades, concepções, grupos culturais, espaços e representações sociais que podem permitir uma ampliação e superação de discursos homofóbicos, segregacionistas, preconceituosos sobre as pessoas, suas escolhas e as diferenças sociais e culturais. Assim, elencar as possibilidades de se abordar a

questão de gênero. Visando abarcar a complexidade das relações, o conceito de gênero é inserido pela perspectiva da história social e dos estudos das mulheres, como aponta Costa(2003, p 195)

Os estudos das mulheres, a história social e a dos feminismos, aproximados, serão, agora, os lugares principais de assentamento do conceito de gênero. Agrupadas sob diferentes interesses intelectuais, pesquisadoras, feministas ou não, portam inquietações e tradições intelectuais e, se com elas se ingressa nos debates sobre o conceito de gênero, experimentam-se profundas mudanças paradigmáticas na história social e pessoal.

Desta forma, a influência dos movimentos feministas, e a incorporação dos temas de gênero na História social, implicaram em aprofundamentos dos estudos, debates e fundamentações sobre o campo das atuação, das relações de gênero. Nesse sentido, investigar os materiais utilizados na prática de professores/as nas aulas de História permite que se compreenda a multiplicidade de linguagens e abordagens para trabalhar com as questões de gênero, mas sobretudo, permite que se reconheça a quebra de preconceitos, as discussões sobre a pluralidade, além de compreender o contato, a assimilação sobre a questão de gênero na formação inicial.

Isso porque, na escola o/a professor/a de História se depara com uma diversidade de sujeitos, com escolhas, desejos, grupos culturais, classe, religião, etnia, sexualidade e gênero. E contemporizar as ações e os discursos impressos em suas trajetórias requer um aprofundamento metateórico que ofereça subsídios para alunos/as compreendam as diversidades, não como algo dado e estático, mas que percebam a partir de seu convívio, dos contrastes sociais, das divisões e das ações que perpassam suas trajetórias e experiências históricas. São, as práticas cotidianas que mostram as diferenças e as formas de compreender as diferenças, sempre desconfiando do que é natural. E, talvez, a tarefa mais urgente seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natura”. (Louro, 1997: 63)

O processo histórico que legitima as concepções sobre as normatizações e padrões de comportamento entre homens e mulheres, carrega ainda, na sociedade, diferentes estigmas para aqueles que não se enquadram

no modelo patriarcal. Assim, a lógica que guia os discursos sociais, o tratamento pejorativo para ‘mulheres’, ‘homossexuais’, ou qualquer outro termo que conote uma visão desqualificadora do outro. Assim, a idéia de heteronormatividade retira a singularidade desses sujeitos ao representá-los como alguém que “deformou”, “perdeu”, “minimizou”, o seu gênero original (Louro,2009)

Neste sentido, problematizar como nas aulas de História trabalha-se com os conceitos sobre a relação entre homem e mulher, sobre as vivências e histórias de homossexuais, de transexuais, enfim, fundamentar discussões para além dos elementos de heteronormatividade.

Desta forma, a concepção de abordagem sobre as questões de gênero pode ultrapassar as prescrições do currículo formal, ampliando os elementos de análise sobre as relações que são imprimidas para alunos e alunas, famílias e professores e professoras. Em que as discriminações de gênero, bem como as equidades de gênero sejam elementos presentes na formação dos sujeitos.

Os Parâmetros curriculares Nacionais encaminham as discussões sobre gênero, ainda que circunscritas ao campo da sexualidade, da saúde. Mesmo com todas as dimensões de análises sobre os PCN’s, o avanço nas diretrizes possibilita a inserção das discussões de gênero na aula de história. No texto dos PCN’s (Brasil, 1998 p.26):

(...) por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrosociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões.

Por mais que aponte as questões sociais e as atitudes frente à realidade propostas nos PCN’s, os temas transversais trazem as discussões do universo

em que vivem os alunos, para que possam compreender a relação com o se constitui no âmbito social e pessoal, implicando num trabalho mais direcionado no espaço escolar. Souza (1997, 22), ao abordar a inserção da tradição cultural de trabalhar temas que envolvem a vivência na Educação, aponta que:

Se a tradição da cultura escolar é iluminista, ela não é, porém, necessariamente caudatária de um mito ou de uma banalidade científica. A percepção da sexualidade saudável que é oferecida às crianças e jovens, dentro e fora da escola, é restritiva, banalizadora e totalitária. A própria tradição escolar, pelo fato de estar ligada a uma tradição cultural que além de científica é também literária, poética e filosófica, pode encontrar o veio pelo qual, no Ocidente, se encontram outras percepções acerca da sexualidade.

Assim, podemos dizer que no espaço escolar as crianças e adolescentes, como alunos, reelaboram suas histórias, com seus desejos mais íntimos até as atitudes frente aos colegas na escola e na sociedade.

## **2. Formação de professores/as, relações de gênero e Ensino de História.**

Ser professor/a de História implica em meio à multiplicidade de elementos históricos presentes na formação, construir caminhos que possam contribuir para o entendimento de que são responsáveis por transpor discursos para novas gerações. Fonseca( 2003, p 71) aponta que:

(...) o professor de história, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, faz com que o aluno não apenas compreenda, mas assimile, incorpore e reflita sobre esses ensinamentos de variadas formas. É uma reinvenção permanente.

Isso nos encaminha para o repensar a formação de professores/as, bem como a proposição dos currículos de História. Para Selva Fonseca(2003), essa constatação nos remete a repensar pelo menos três aspectos. Primeiro,

não basta introduzir novos temas nos currículos multiculturais, se na prática, nas relações cotidianas se promove a exclusão através de brincadeiras, jogos ou formas de avaliação. Segundo, deve-se reconhecer que o professor não opera no vazio. Existem outros espaços educativos atuando nas concepções dos alunos como, por exemplo, a televisão, os quadrinhos ou os acontecimentos cotidianos. E terceiro, a perspectiva do ensino temático e multicultural deve vir acompanhada de uma mudança na formação dos professores: postura crítica e reflexiva, cultivo à tolerância e respeito à diversidade e às diferenças.

De acordo com Tardiff (2002, p 33)<sup>2</sup> “a relação dos professores com os saberes não se reduz à função de transmissão de conhecimentos constituídos por outros, mas integra diferentes saberes e relações, sendo plural e resultado de sua formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Neste sentido, no processo de formação de professores/as muitas variáveis estão imersas, que vão desde as obrigatoriedades legais até as vinculações históricas de cada um/a. Mas, a discussão sobre a questão de gênero traz a realidade, ainda que não analisada de pouco espaço para o tema no percurso de formação. Além disso, a cultura escolar implica na difusão de determinados discursos que esbarram nas concepções da formação de cada professor/a. Segundo Azevedo & Alves ( 2004, p 08)

as discussões sobre a formação docente, entretanto, vêm sendo feitas, via de regra, em torno de dois contextos: O dos cursos de formação, e o da atualização permanente. O primeiro entendido no âmbito dos currículos oferecidos pelos diferentes cursos; o segundo, entendido duplamente no âmbito do aumento de escolaridade, por intermédio de outros cursos ( extensão, especialização, mestrado, doutorado e/ou no âmbito d políticas de atualização em serviço, por intermédio de ações promovidas pelas diferentes Secretarias de Educação ( municipais e estaduais).

---

<sup>2</sup> TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002

Na formação de professores/as, ao analisar a questão da gênero, os docentes, estão imbuídos de concepções culturais, que muitas vezes impede o diálogo com os outros. A maneira de lidar com a realidade vivenciada no espaço escolar, aponta para diferentes temporalidades de saber, diferentes graus de intencionalidade na prática educativa, diferentes maneiras de ser, de conceber as relações de gênero. Por isso, o saber profissional está, de certo modo, na confluência de vários saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc. ( Tardiff, 2002, p 64)

Num olhar mais detido sobre o processo de ensino aprendizagem que envolve as questões de gênero, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, de rever seus pré julgamentos, bem como suas práticas de formação. Um olhar que parte de si, para o mundo. Para Larrosa (1994, p. 40):

O sujeito individual descrito pelas diferentes psicologias da educação ou da clínica, esse sujeito que se desenvolve de forma natural sua autoconsciência nas práticas pedagógicas, ou que recupera sua verdadeira consciência de si com a ajuda das práticas terapêuticas, não pode ser tomado como um dado não problemático. Mais ainda, não é algo que se possa analisar independentemente desses discursos e dessas praticas, posto que é aí, na articulação complexa de discursos e práticas (pedagógico e/ou terapêuticos, entre outros), que ele se constitui no que é.

Essa concepção favorece a compreensão da consciência de si, tanto de alunos/as quanto de professores/as num enfoque relacionado à psicologia da educação, mas que muitas vezes é fundamentado pelas práticas cotidianas.

As implicações curriculares também fundamentam essas práticas cotidianas, como fundamenta Tomaz Tadeu da Silva( 1993, p 04). Para este autor, a predominância do construtivismo tem conseqüências conservadoras, na medida, sobretudo, em que representa a volta do predomínio da Psicologia na Educação e na Pedagogia. (...) uma conexão entre um projeto de contenção e de governo de massas e um projeto psicológico de transformação na produção do “indivíduo.

### **3. Materiais didáticos, discursos e representações sobre o gênero no ensino de história.**

Na análise que fizemos sobre a questão de gênero, questionamos os/as professores/as de duas escolas públicas de Três Lagoas/MS sobre as utilizações de materiais didáticos, sobre as representações iconográficas, sobre textos e contextos com os quais inserem as abordagens sobre gênero. A intenção em investigar os materiais utilizados nas aulas de História, para perceber de que forma os discursos forjam novas concepções de gênero ou acabam por cristalizar, ou até mesmo, fortalecer estereótipos e estigmas.

Na investigação centramos a análise na leitura dos materiais, os valores atribuídos aos discursos e representações, os significados que eram repassados na aula, a escolha dos materiais, entre outros. Ao propor investigar os materiais, os quatro professores/as disponibilizaram o que trabalham? com que trabalham? como trabalham? E que possibilidades, discussões tiveram contato na formação que fundamentaram suas práticas cotidianas educativas.

Um dos elementos ressaltados pelos/as professores/as se dá pela ausência, ou pouco conhecimento sobre a questão de gênero ao longo de sua formação, tanto que dos quatro professores/as, somente uma teve as abordagens de gênero em sua formação. Os demais tiveram contato em cursos, ou mesmo em discussões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e sobre o currículo na própria escola.

A obrigatoriedade de inserção de determinados temas, como o gênero, através de Temas Transversais, permite que se fundamente, na prática educativa as abordagens diferenciadas com sujeitos, tempos e lugares únicos, múltiplos e que são carregados de valores e expectativas.

Em meio às expectativas, os/as professores/as dizem que, muitas vezes, é difícil alcançar os objetivos propostos, não por falta de incentivo na escola, ou por falta de material, mas sim pela influência familiar e social de os/as alunos/as. A professora Mila destaca que:

Num dos cursos que fizemos, eu tive discussões sobre os PCN's, e depois disso insere no meu planejamento a discussão sobre as mulheres na história. Eu atuo com duas turmas do 5º ano, e incluí a proposta a partir do que o currículo determina para trabalharmos. E uma das dificuldades, foi quando estava trabalhando com as mulheres no Egito Antigo, uma das alunas não fez a pesquisa proposta. E além de tudo a mãe veio na escola e pediu para que a filha não efetuasse a atividade, pois isso não era permitido por sua religião e costume.

A narrativa de Mila nos encaminha para diferentes situações enfrentadas nas aulas de História, pois mesmo que o tema tenha consonância com o currículo, com o prescrito legalmente para ser ensinado, ainda enfrentam-se algumas situações, como a negação da família na execução de atividade escolar. A discussão sobre a questão de gênero, pode gerar algumas reflexões, que envolvem ou não, as questões religiosas. Esse outro elemento que causa 'desconforto', por parte de alguns, nas discussões das aulas de História.

Sobre os materiais, a professora Mila disse que muitas abordagens surgem da fundamentação dos PCN's. Ainda que de forma integrada, com o que aprendem em Ciências, usa as discussões de sexualidade, corpo e gênero nas aulas de História. Um dos trabalhos que foi desenvolvido, visava pesquisar, com a questão norteadora: Como era a sexualidade para homens e mulheres, no período Antigo?

“A questão norteadora, contribuía para que, em duplas investigassem, através do livro didático, revistas ou outros livros, que tipo de narrativa eram descritas sobre homens e mulheres. Se havia imagens, como eram? E também, através de pesquisa na internet, em sites, os quais foram apresentados na sala de informática, as informações sobre o tem”. A ideia central era reunir todas as informações coletadas, para depois, unir e dialogar sobre as mudanças e continuidades na sociedade. Ficamos nesta atividade durante 45 dias, mas no final pensei que devia ter trabalhado por mais tempo. O tempo influencia na abordagem de determinados temas. Com a variedade de informações, tive que ajudar os/as alunos/as a fazer escolhas para nosso debate final”. (Mila, 2014, p01)

Percebe-se, a partir da narrativa da professora, que inserir as abordagens relacionadas a questão de gênero deve ser realizado com aprofundamento teórico-metodológico, com o envolvimento do tema por parte

de todos/as na aula de História. Até porque envolve os modelos dos grupos culturais, pois, como afirma Louro( 2008, p 21)

A sutileza do embate cultural requer um olhar igualmente sutil. Há que perceber os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, porque, afinal, é disso que se trata. Em outras palavras, é preciso saber quem é reconhecido como sujeito normal, adequado, sadio e quem se diferencia desse sujeito.

Há ainda no planejamento escolar da professora, a descrição da utilização de materiais e imagens disponibilizadas nos livros didáticos. A professora cita que iniciará a problematização com o discurso sobre as mulheres no Egito Antigo. E a partir das discussões sobre a deusa, foi problematizando a representação da mulher na História Antiga.

Além disso, há a discussão sobre as mulheres ao longo da História, desenvolvida por eixos temáticos (trabalho, relações de poder, cidadania, participação social). A escolha dos eixos temáticos está em consonância com as diretrizes curriculares, assim como insere na aula de História as possibilidades de dialogar sobre a atuação feminina e masculina em vários espaços-tempos históricos. Com a inserção dos temas da Nova História, as concepções históricas passaram a utilizar as linguagens e abordagens diferenciadas. Isso porque, nos últimos trinta anos, nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo (...), a feminilidade( SOIHET, 1997, p. 275)

A participação feminina na história, suas vivências, trajetórias, as modificações nos padrões de comportamento, a sexualidade, o respeito às diferenças são alguns dos elementos que podem ser articulados nas aulas de história, num campo de delimitação pela igualdades dos gêneros. Compreender que as mulheres tiveram presença em diferentes espaços e tempos históricos, pode contribuir para a visão de mundo de alunos/as.

### **Algumas considerações finais**

Tecer diálogos sobre a presença feminina no espaço-tempo da história requer um enfoque mais aprofundado sobre a formação inicial de professores, uma vez que neste processo há silêncios em relação às questões de gênero. E devido ao pouco contato com as discussões sobre as diferenças, alteridades, subjetividades femininas, representação feminina na sociedade, alguns profissionais acabam por reproduzir os elementos presentes nos livros didáticos, ou mesmo não inserem as concepções de gênero em seus planejamentos.

Ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), tenham em 1998 iniciado algumas proposições para a inserção da questão de gênero, de certa forma, restringiu para os Temas Transversais relacionando com a saúde e sexualidade. Porém, as relações de gênero e a representação feminina na história vão muito além da saúde e sexualidade.

As ações e vivências femininas na história perpassam diferentes espaços culturais, políticos, econômicos, cotidianos, sendo assim, as reflexões na aula de história sobre as mulheres, tem muitos acontecimentos, trajetórias, relações sociais e culturais para serem abordadas. O mesmo pode-se dizer sobre as relações entre homens e mulheres, sobre as diferenças de gênero, sobre os campos de atuação dos diferentes gêneros ao longo da história.

Na narrativa das professoras ficou explícito o processo de ensinar história, inserindo as questões de gênero. Mesmo que ainda sejam poucas experiências educativas, temos um pequeno avanço, pois as crianças e jovens podem compreender que em diferentes situações na história, havia a presença das mulheres. Pode-se dizer que este processo, visava desconstruir a visão sobre a unicidade. Assim, como afirma Soihet & Pedro (2007, p. 287)

A fragmentação de uma idéia universal de 'mulheres' por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades.

São discussões que ultrapassam o modelo de unicidade e sim visam apresentar as diferentes identidades das mulheres, com suas vivências, trajetórias, amplitude de ações no cenário cultural e social. E em relação à questão de gênero, Soihet & Pedro( 2007, p 289), afirmam que:

‘gênero’ dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à idéia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder; dá relevo ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, de que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado, aspecto essencial para “descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.

O sentido de cada sujeito tem na história, suas trajetórias culturais, as relações que se estabelecem no cotidiano, a compreensão das diferenças podem ser analisadas de forma como parte da formação histórica e da consciência histórica, em que se vislumbra a amplitude dos papéis sexuais na história.

Esse é um dos desafios no ensino de história, inserir nas aulas de história, as discussões sobre as relações de gênero. Num processo mais aprofundando das concepções culturais que permeiam as identidades e diferenças e, de certa forma, impulsionando análises e produção do conhecimento histórico.

### **Referências Bibliográficas**

Azevedo, J. G. & Alves, N. G. (Orgs.). **Formação de professores: possibilidades do imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A. 2004

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

COSTA, J.F. **A ética e o espelho da cultura**. RJ: Rocco, 1994.

FONSECA. S. **Didática e prática de ensino**: SP: Papirus. 2003

GANDELMAN, L. M. **Gênero e ensino: parâmetros curriculares, fundacionalismo biológico e teorias feministas.** RJ: Rocco, 2008.

Guia de livros didáticos: PNLD 2012: **História.** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

GUIRADO, Marlene. **Sexualidade, isto é, intimidade redefinindo limites e alcances para a escola.** In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 25-42.

LARROSA, J. **Tecnologias do Eu e educação.** In: SILVA, T.T. (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 40.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Revista Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade.** 2ª Edição. Belo Horizonte, 2000

\_\_\_\_\_. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução.**

Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar.** Educação e Pesquisa, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013

SOUZA, Rosa. **Itinerários da pesquisa sobre a cultura escolar** In: CUNHA, Marcus. Ideário e imagens da educação escolar. Campinas: autores associados, 2001.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas.** Estudos Feministas, v.5, n.1, p.7-29, 1997.

SOIHET, Raquel & PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 - 2007

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da História. São Paulo: EDUNESP, 1999

\_\_\_\_\_. **El problema de la invisibilidad**. In. ESCANDÓN, C.R. (Org.) Gênero e História. México: Instituto Mora/UAM, 1989..

\_\_\_\_\_. **Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista**. In. Debate Feminista - Cidadania e Feminismo, nº especial, 2000. (edição especial em português).

\_\_\_\_\_. **A Cidadã Paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. (Tradução Élvio Antônio Funck). Florianópolis: Mulheres, 2002.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002

#### **Fontes:**

Entrevista com professora Mila Rezende, dezembro de 2014.